

## ETNOLOGIA: UMA PERSPECTIVA PARA O ESTUDO DO ESPETACULAR

**Adailton Santos**

Universidade Federal da Bahia – UFBA

Etnologia, prática espetacular, disciplina científica.

O grande interesse suscitado pelo aparecimento de uma nova disciplina científica é sempre o de desvelar um aspecto diferente ou, pelo menos, uma nova perspectiva sob a qual olhar os aspectos fundamentais já estudados no campo em questão. Uma grande pergunta então, é como a etnologia pretende promover o desvelamento de sua perspectiva sobre os fenômenos espetaculares?

Sabemos que um objeto cientificamente considerado tem muitos aspectos a serem vistos. Cada coisa tem uma forma específica que a caracteriza e distingue das outras coisas. Tudo pode ser pensado a partir do estofo que lhe dá consistência. Cada objeto é condicionado por muitos outros objetos e tudo no mundo humano pode ser considerado em termos de fins ou metas futuras. Além disso, cada objeto tem seu contexto atual e tem sua história; veio a ser em dada tessitura lingüística; pode ser pensado sociológica, antropológica ou filosoficamente; ou pode ser pensado ainda pelo viés de tantas outras ciências como as semiológicas, as tecnológicas ou as neurobiológicas.

As ciências humanas já estabelecidas se debatem a muitos anos, a examinar, reexaminar e utilizar suas metáforas, sem oferecer respostas minimamente satisfatórias para os problemas mais caros aos pesquisadores das artes do espetáculo que, dedicam-se, concomitantemente, à reflexão em geral sobre os problemas teórico-práticos dessa área de conhecimento.

No fundo o que interessa à etnologia é mostrar os conhecimentos produzidos pelas artes cênicas como categorias fundamentais do humano; é desvelar, e explorar, como afirma Jean Duvignaud (1999:35): “uma área da expressão humana que não se confunde com a *mise-en-scène* da vida cotidiana nem com as formas do imaginário do teatro.”

E, com efeito, o ser humano é sempre o objeto último de tudo aquilo que os seres humanos produzem. Como afirma Fredric Nietzsche (1983:50) “O pesquisador procura (...), no fundo, apenas a metamorfose do mundo em homem, luta por um entendimento do mundo à semelhança do homem, e conquista, no melhor dos casos, o sentimento de uma assimilação.”

De saída, desde o ponto de vista metodológico, o que a etnologia parece colocar em voga é que, sob sua perspectiva, não importa tanto o método desde que se atente para o fato de que os modos de proceder da ciência sofreram críticas que precisam ser incorporadas aos procedimentos dos pesquisadores. Ou seja, uma ciência que se pretende nova deve agir, entre outros procedimentos, incorporando o que há de mais atual em termos dos instrumentais disponíveis no

contexto do trabalho e evitar procedimento passível de tratar seus objetos de investigação que já se mostrou pouco adequado às sutilezas e especificidades do nível artístico em consonância com o científico.

Uma dada maneira de olhar não está desconectada do objeto visado que, por definição, é inesgotável ao olhar. Como afirma Heidegger (1958:199): “a ciência não atinge mais do que aquilo que o seu próprio modo de representação já admitiu anteriormente como objeto possível para si.”<sup>1</sup> O que implica que praticamente tudo no âmbito de uma disciplina científica depende então do seu próprio modo de representação.

A questão do modo de representação de uma disciplina científica, por sua vez, depende do estabelecimento dessa disciplina, o que implica, contemporaneamente, em sua construção. Como nos diz Gérard Fourrez (1995:105): “em torno e na base de cada disciplina científica, existe um certo número de regras, princípios, estruturas mentais, instrumentos, normas culturais e/ou práticas, que organizam o mundo antes do seu estudo mais aprofundado.” E sabemos que as escolhas metodológicas de uma disciplina, por exemplo, determinam a natureza do produto final de cada pesquisa. Mas a escolha metodológica, ela mesma, já depende de “uma estrutura mental, consciente ou não, que serve para classificar o mundo e poder abordá-lo.”, como diz Fourrez (op. cit.:103), que segue afirmando:

se, por exemplo, quisermos efetuar uma pesquisa no domínio da saúde, é preciso, para começar, já possuir algumas idéias a respeito da questão. E a disciplina que nascer dessas pesquisas sobre saúde estruturar-se-á em torno dessas idéias prévias. O conceito de “saúde” não cai do céu, mas provém de uma certa maneira de contar o que nós vivemos por meio de relatos que todos conhecemos e que dizem o que é para nós, concretamente, estar com boa saúde.

Ora, o artista cênico é aquele que aprende e produz conhecimentos pela vivência prática e pela preparação técnica para o espetáculo. O artista cênico que também realiza pesquisa teórica domina os parâmetros de produção científica. Então fica o questionamento, caro à etnocenologia: de onde mais pode vir, acerca do espetacular humano, um ‘contar o que nós vivemos por meio de relatos que todos conhecemos e que dizem o que é para nós, concretamente, estar’ em cena, ser o espetáculo, pensar o espetacular, senão da consciência daqueles que se dedicam corporal e reflexivamente às artes do espetáculo?

Contudo, o fato é que a etnocenologia desvelou territórios, vislumbrou caminhos, mas ainda não os trilhou. E nessa fase ainda inconclusa de definições muito básicas, fase onde ainda estão se formando as regras, as estruturas mentais, os princípios, os instrumentos, muitas são as interferências de hábitos, práticas e normas anteriores.

No texto denominado Etnocenologia, Manifesto, Jean-Marie Pradier (1995), comentando sobre a noção de práticas espetaculares, nos diz que:

Estas práticas têm um caráter comum: o de ligar o simbólico à carne dos indivíduos, em uma estreita associação do corpo e do espírito, que lhes confere uma dimensão espetacular. (...). No entanto, limitados por nossos próprios valores, nossos hábitos, nossas maneiras de pensar, é-nos freqüentemente difícil de perceber junto ao outro o que o constitui, sem passar por procedimentos de observação e de análise que *desnaturem ou eliminem aquilo tido como a descobrir e a examinar*. (grifo nosso).

Retornando ao mesmo texto Nietzscheano (1983:50), lemos o seguinte sobre o proceder do pesquisador:

(...) Seu procedimento consiste em tomar o homem por medida de todas as coisas: no que, porém, parte do erro de acreditar que tem essas coisas imediatamente, como objetos puros diante de si. Esquece, pois, as metáforas intuitivas de origem, como metáforas, e as toma pelas coisas mesmas.

Podemos ver, pelo contraste das palavras de Nietzsche e Pradier, que Pradier age como se, da forma que alerta Nietzsche, ‘tivesse diante de si imediatamente as coisas mesmas e não metáforas intuitivas’ que a observação e a análise podem ‘desnaturar ou eliminar’. É o hábito mental do ‘empiricismo’, como classifica Fourrez (op. cit., p. 109) tomando a farmacologia como exemplo:

Alguns, por exemplo, quererão definir a farmacologia como a ciência dos medicamentos, como se um medicamento fosse um objeto empiricamente dado. Ora, é devido a uma ação humana considerando algo como um medicamento que a própria noção de medicamento ganha algum sentido. É um projeto humano que constrói a disciplina e o paradigma da farmacologia, e não a existência “dada” de medicamentos.

Ora, fica claro que, quando aplicamos os mesmos termos usados por Fourrez à ‘prática espetacular’ de Pradier, aparece assim uma das grandes limitações da etnocenologia no seu processo de constituição: acreditar que seu objeto é ‘dado’ empiricamente.

Ora, a etnocenologia encontra-se claramente ainda num período pré-paradigmático. E esse é um período no qual os hábitos, normas e princípios de uma disciplina não estão ainda bem

definidos. Pois, sua prática baseia-se muito mais na familiaridade dos pesquisadores com os fatos estudados do que em métodos precisos, já definidos; a prioridade é dada muito mais para a dimensão existencial, constatação de fatos, do que às regras da disciplina e o estabelecimento de normas; não existe formação universitária precisa para especialistas da disciplina, o que implica que qualquer pessoa, oriunda de qualquer área de formação, pode pleitear tornar-se etnocenólogo; os problemas se originam diretamente da vida cotidiana dos grupos investigados etc.

Nesta fase de confusão e caos, na qual os próprios fundamentos ainda estão incertos e tateantes. Se, por um lado, os resultados teóricos da disciplina carecem de traços marcantes que os distingam de produções em campos próximos mais tradicionais; por outro lado, representam a primeira lavra bruta da produção dos pesquisadores que, internalizando os vislumbres intuitivos iniciais que animaram os primeiros passos da disciplina, enxergaram os potenciais sugeridos e continuam o trabalho da construção concreta do formato do novo saber.

#### REFERÊNCIAS

DUVIGNAUD, Jean. Uma Nova Pista. GRAINER, C. e BIÃO, A. (org.). **Etnocenologia** – textos selecionados. Tradução de Ana Luiza Friedmann. São Paulo: Annablume, 1999.

FOUREZ, Gerard. **A Construção das Ciências**, introdução à filosofia e à ética das ciências. São Paulo: UNESP, 1995.

GRAINER, C. e BIÃO, A. (org.). **Etnocenologia** – textos selecionados. São Paulo: Annablume, 1999.

HEIDEGGER, M.. **Essais et conférences**. Paris: Gallimard, 1958.

NIETZSCHE, F.. **Sobre verdade e Mentira no Sentido Extra-Moral**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983. Coleção *os Pensadores*,

PRADIER, Jean-Marie. “**Ethnoscénologie, manifeste**”. *Théâtre-Public 123*. Paris: maio-junho 1995.

<sup>i</sup> Tradução nossa.